

Infância [Des]Protegida

Uma consulta de percepção de segurança
de crianças e adolescentes sobre a violência

Visão Mundial



Realização

Visão Mundial

Liderança

Diretora Nacional

Raissa Rossiter

Diretor de Ministério

Thiago Machado

Comissão Técnica

Análise–Especialista Técnica Nacional em Proteção à Infância

Karina Lira

Coordenadora Técnica da Pesquisa

Cristiane dos Anjos

Suporte Técnico

Aizianne Leite e Talita Rabello

Suporte de Análise e Processamento de Dados

Claudio Monteiro

Gerência de Comunicação

Fernando Schiavo

Supervisão Editorial

Máquina do Bem

Todos os direitos reservados.

Para mais informações sobre esta publicação, favor acessar: comunicacao@wvi.org

Sumário

6

Prefácio

8

Sobre a consulta

10

Demografia

12

Percepção de segurança

18

Reflexões

19

Recomendações

Agradecimentos

Aos gerentes, coordenações programáticas, instituições e escolas parceiras que trabalham juntos à Visão Mundial nas cidades pesquisadas. Agradecemos, sobretudo, às crianças e aos adolescentes que participaram da consulta e seus responsáveis, que acreditam e apoiam o trabalho da Visão Mundial.

Prefácio

A violência contra a infância deixa marcas a longo prazo. Consequências sociais, emocionais, mentais, físicas e espirituais negativas se arrastam pela vida adulta. Mais de 1 bilhão de crianças e adolescentes no mundo vivem em um cenário de insegurança. Além dos custos emocionais, US\$ 7 trilhões são gastos, valor superior ao de emergências, fragilidades e conflitos, por exemplo.¹

E como reagir a esse cenário? A Visão Mundial Internacional entendeu que precisa de todo o mundo para minimizar a violência contra crianças e adolescentes e, por isso, criou a campanha global **It Takes a World**. O foco é estudar medidas de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, estabelecidos pela ONU, para frear esse problema que se configura como uma ameaça significativa ao bem-estar e o futuro da juventude.

Nesse sentido, desde 2013, a Visão Mundial vem desenvolvendo consultas e, junto a diversos parceiros, adequando ferramentas de pesquisa de percepção das crianças, dos adolescentes, seus cuidadores e operadores do Sistema de Garantia de Direitos a respeito da violência. A proposta é dar voz a crianças e adolescentes para que eles expressem sua percepção de segurança e violência tanto no espaço familiar quanto no escolar. Com isso, estruturamos um conjunto de recomendações para a criação de ambientes seguros, aumentando a consciência coletiva e a proteção à infância.

A Visão Mundial é uma organização cristã de assistência social, desenvolvimento e advocacy, dedicada a trabalhar com crianças, famílias e comunidades para superar a pobreza e a injustiça. Seus 46 mil colaboradores, em quase 100 países, estão empenhados em trabalhar com pessoas, independentemente de religião, raça, etnia, gênero ou orientação sexual.



It takes a world
para acabar com a violência contra a infância

¹ Perezniето, P., Montes, A., Langston, L., and Routier, S. (2014). *The Costs and economic impact of violence against children*. London. ODI.



Sobre a consulta

Método

A pesquisa foi realizada em 67 escolas de ensino público, no período de agosto a setembro de 2018, em 6 estados e 7 municípios. Pensando em uma escuta que fosse equitativa para ambos os gêneros, foram selecionados, por amostragem aleatória simples, 3.814 estudantes do 5º ao 9º ano.

Para verificar as características específicas e efeitos sobre sua percepção de segurança, foram usados modelos estatísticos de regressão logística. Os dados e os gráficos foram tratados e codificados por uma linguagem de programação R (v3.4), um software livre.

Mapa e perfil das cidades pesquisadas



A seguir, breve descrição das localidades pesquisadas, segundo dados oficiais disponíveis em plataformas públicas:²

Canapi (AL): Canapi, no estado de Alagoas, possui índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,506. A população total é de 17.980 pessoas, das quais 9.291 são alfabetizadas. Há 7.712 crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos, sendo que 3.519 menores de 14 anos vivem abaixo da linha de extrema pobreza.

Fortaleza (CE): capital do estado do Ceará, cujo IDHM é de 0,754. A população total é de 2.609.720 pessoas, das quais 777.835 são crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos, sendo que 31.721, entre 0 e 14 anos, vivem abaixo da linha de extrema pobreza.

Governador Dix-Sept Rosado (RN): município do sertão do Rio Grande do Norte, cujo IDHM é de 0,592. A população total é de 12.374 pessoas, das quais 2.256 são crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos, sendo que 940, de 0 a 14 anos, vivem abaixo da linha de extrema pobreza.

Inhapi (AL): município da região do alto Sertão Alagoano, faz parte do semiárido nordestino, cujo IDHM é o mais baixo do país: 0,484. A população total é de 18.637 pessoas, das quais 8.247 são crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos, sendo que 3.370, entre 0 e 14 anos, vivem abaixo da linha de extrema pobreza.

Nova Iguaçu (RJ): localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro, cujo IDHM é de 0,713. A população é de aproximadamente 797.435 pessoas, das quais 262.021 são crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos, sendo que 12.303, de 0 a 14 anos, vivem abaixo da linha de extrema pobreza.

Recife (PE): capital do estado de Pernambuco, cujo IDHM é de 0,772. A população é de 1.537.704 pessoas, das quais 447.514 são crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos, sendo que 28.909 crianças vivem abaixo da linha de extrema pobreza.

Salvador (BA): capital do estado da Bahia, cujo IDHM é de 0,759. A população é de 2.938.090 pessoas, das quais 769.256 são crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos, sendo que 40.465 crianças e adolescentes, entre 0 e 14 anos, vivem abaixo da linha de extrema pobreza.

² Dados disponíveis em <https://datapedia.info/cidade/4994/pe/recife#undefined>, acessado em 26/4/2019.

Demografia

Perfil dos entrevistados

Os dados revelam que a consulta respeitou a equidade de gênero: 50% dos entrevistados são do sexo feminino; 49% do sexo masculino; e 1% prefere não declarar. Considerando a idade, 61% dos respondentes são adolescentes e 39%, crianças. Em relação à raça/etnia, 47% se declaram pardos; 21% se declaram brancos; 16%, pretos; 4%, indígenas; 3%, amarelos; 4% não sabem ou preferem não responder à pergunta e 5% se declaram como outras.

Gráfico 1 – Sexo

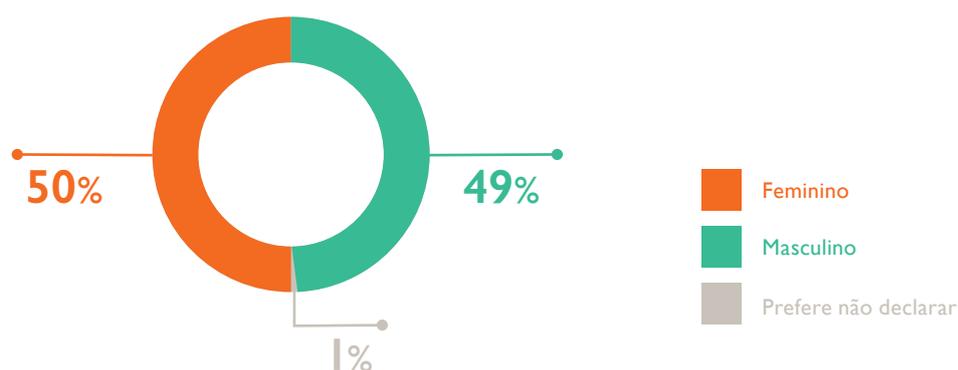


Gráfico 2 – Idade

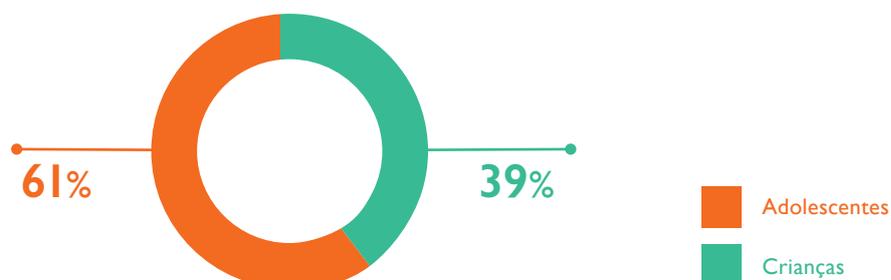




Gráfico 3 – Raça/Etnia

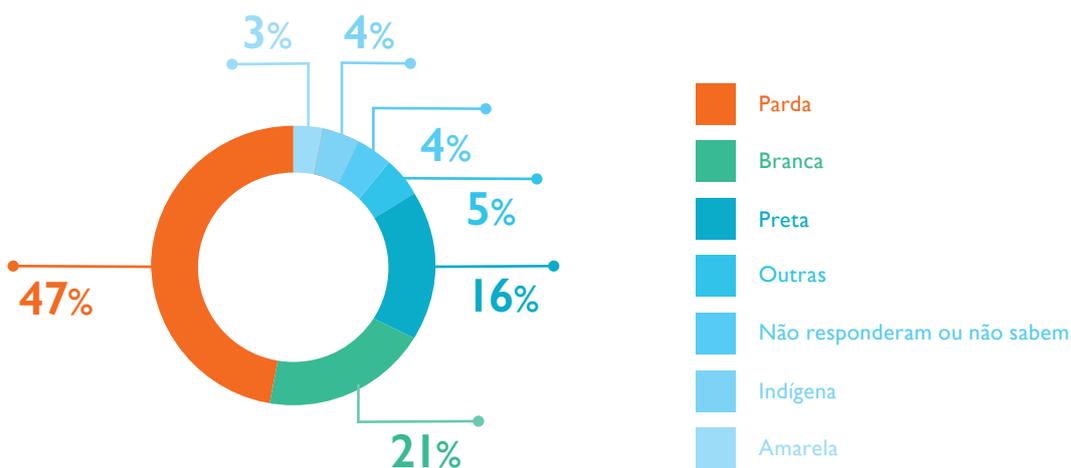
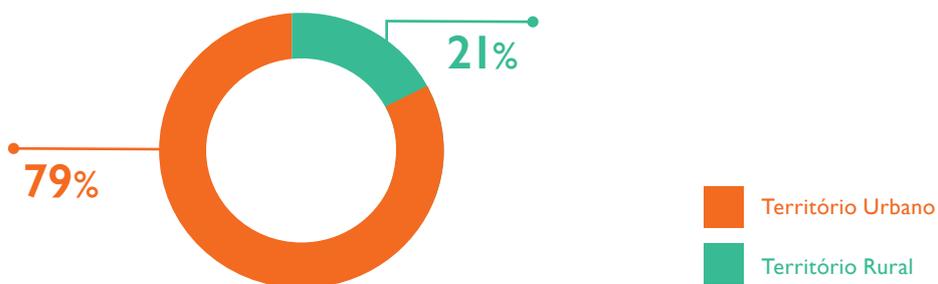


Gráfico 4 – Área de Residência

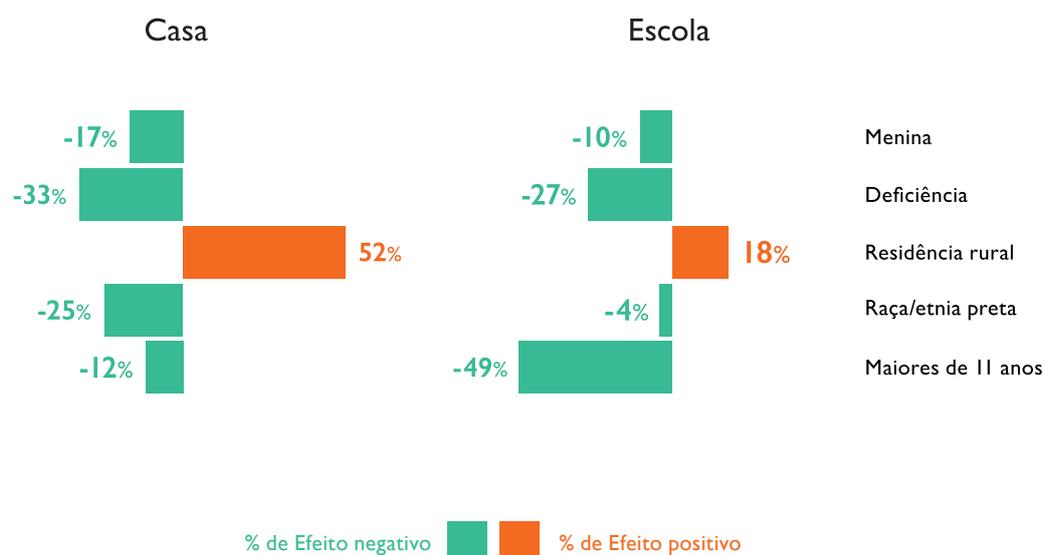


Percepção de segurança

A partir de modelos estatísticos, foram observados os seguintes efeitos das características individuais das crianças e adolescentes sobre a percepção de segurança:³

- Meninas têm menos chances de se sentirem seguras do que meninos.
- Crianças e adolescentes com deficiência têm menor chance de se sentirem seguros.
- Crianças e adolescentes que moram em contextos rurais têm mais chances de se sentirem seguros do que os que residem em contextos urbanos.
- Crianças e adolescentes negros têm menos chances de se sentirem seguros do que crianças de outra raça/etnia.
- Quanto maior a idade, menor a chance de crianças e adolescentes se sentirem seguros.

Gráfico 5 – Percepção de segurança segundo características individuais e local de residência



³ O valor apresentado é calculado a partir da exponencial do coeficiente apresentado pelo modelo de regressão logística, transformado em porcentagem de efeito probabilístico.

Onde as crianças e adolescentes se sentem mais protegidas e seguras?

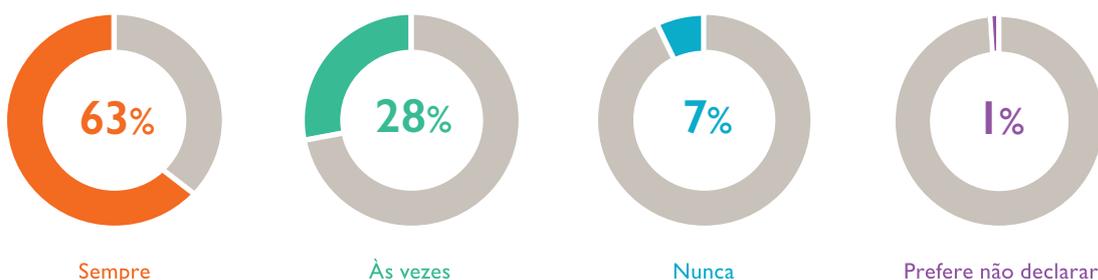
De acordo com as respostas das crianças e adolescentes entrevistados, eles se sentem mais protegidos em casa e a metade deles disse não se sentir segura na escola. Em situações de risco, 1/3 respondeu que não está orientado sobre como pedir ajuda. Observou-se ainda que 1/3 das famílias dos entrevistados já recorreu a serviços especializados por causa da violência.



Gráfico 6 – Busca por delegacias, hospitais e outros locais de assistência por causa de algum tipo de violência



Gráfico 7 – Conhecimento sobre como pedir ajuda em caso de perigo



Considerando a percepção de segurança segundo o local de residência, crianças e adolescentes se sentem mais seguros no ambiente familiar, sobretudo nos de contexto rural. O município de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, apresentou a maior proporção de insegurança entre os pesquisados.

Gráfico 8 – Percepção de segurança em casa, segundo o local de residência

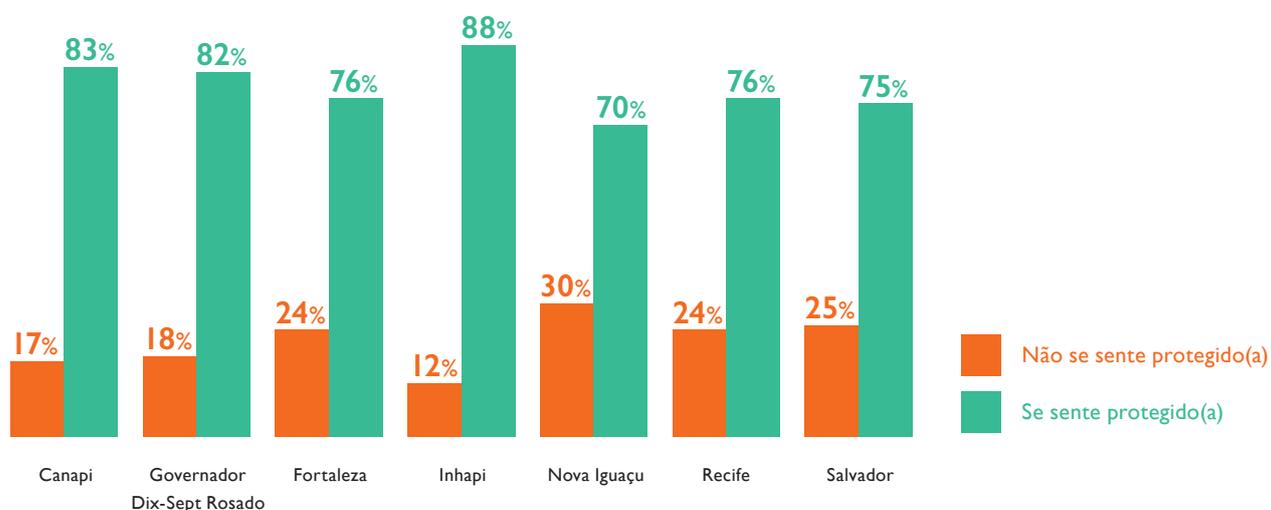
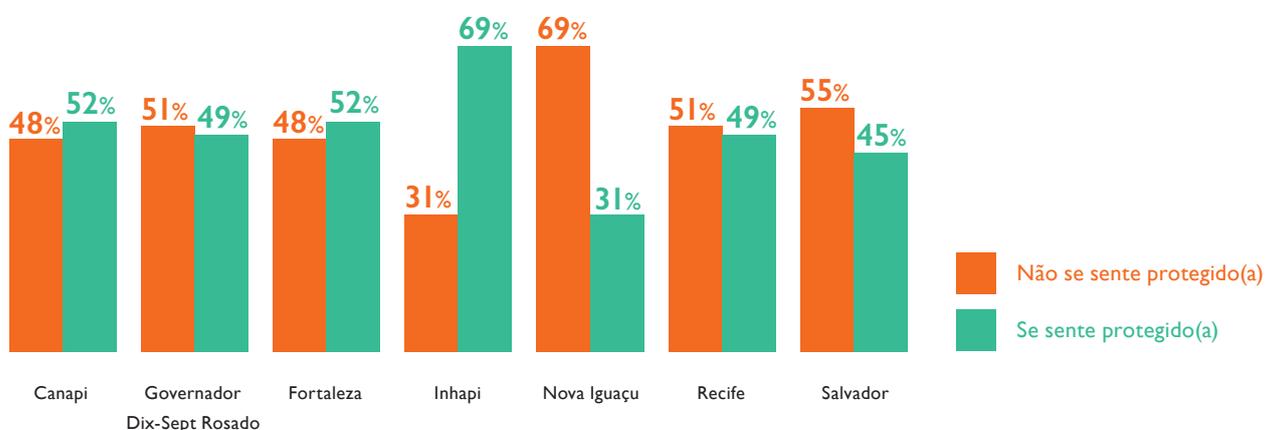


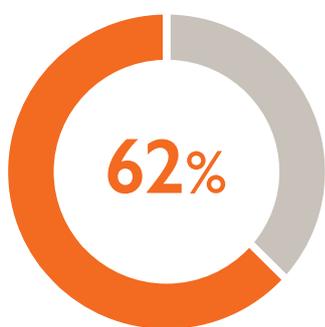
Gráfico 9 – Percepção de segurança na escola, segundo o local de residência





Casa

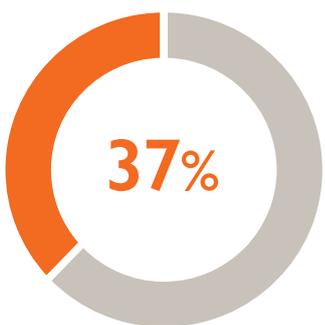
- A maioria das crianças e adolescentes sofre punição física quando faz algo de errado. A violência física é mais frequente entre crianças de 9 a 11 anos (76%) e negras (66%).
- Metade das crianças fica às vezes ou sempre desacompanhada, com discreta elevação de proporção entre crianças negras.



apanham
quando fazem
algo de errado



ficam
desacompanhados
em casa



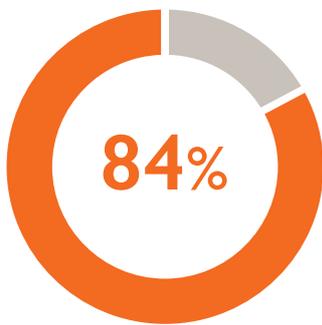
presenciam
pessoas que
brigam e se
xingam



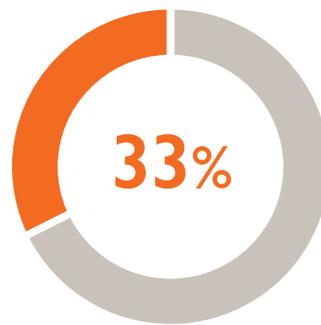
presenciam
pessoas que se
agredem

Escola

- A existência de conflitos entre alunos foi relatada pela maior parte das crianças e adolescentes. Além dos aspectos da violência interpessoal, cerca de 1/3 se referiu a situações em que sofreu violência direta ou sofreu consequência da violência urbana.
- Em relação à média proporcional do grupo, crianças e adolescentes negros apresentam maior proporção entre os que sofrem ameaças (+4%), abusos físicos e xingamentos na escola (+4%). Também é nesse grupo que está a maior porcentagem de cancelamento de aulas devido a tiroteios ou confusão na rua (+ 6%).



presenciam
brigas entre
alunos



sofrem ameaças,
abuso físico e
xingamento na
escola



têm aulas
canceladas
por motivos
de tiroteio ou
confusão na rua

Reflexões

A violência infantojuvenil é um fenômeno complexo, multicausal, que atravessa todo o corpo social e independe da condição de classe, idade, gênero, raça, etnia, religião. Nessa consulta, fica evidente que a pobreza e a desigualdade são condições estruturais geradoras da própria violência e impactam diretamente na qualidade do bem-estar na infância, sobretudo para grupos específicos, como crianças e adolescentes de sexo feminino, com deficiência, negros e moradores em contextos urbanos.

Seja o espaço familiar ou escolar - principais lugares de convivência durante a infância e adolescência -, ter um ambiente adequado e seguro para seu desenvolvimento integral se caracteriza como uma política tão urgente quanto necessária.

Embora os entrevistados tenham dito que se sentem protegidos em casa, a maioria das crianças e adolescentes também afirmou que sofre castigos físicos. Metade dos respondentes declarou que fica desacompanhada e um terço já viu seus familiares recorrerem a delegacias, hospitais e serviços de assistência por motivo de violência.

Os achados são compatíveis com a base de dados oficiais existente,⁴ em que a negligência familiar é a expressão mais significativa de denúncias contra os direitos fundamentais da infância e da adolescência no Brasil. Dos 1.015.645 casos de violações recorrentes contra crianças e adolescentes no período de 2011-2015, a negligência tem o maior número de registros: 35,25%.

A violência física foi o tipo mais relatado entre os entrevistados - isso revela que existem normas sociais que tornam aceitáveis e legítimas o uso da punição física como forma de educação dos filhos.

A aparente incongruência entre o que as crianças e os adolescentes entrevistados percebem e a realidade em que vivem pode ser resultado de um contato cotidiano com a violência, o que leva à naturalização e à banalização. A percepção da insegurança também tem relação estreita com a idade das crianças: quanto maior a faixa etária, maior o entendimento dos fatos que acontecem no entorno.

A consulta ainda revelou que a escola é o ambiente em que crianças e adolescentes se sentem mais inseguros - espaço marcado, sobretudo, pela violência entre os próprios alunos. Também a violência direta e a urbana evidenciam a necessidade de reconhecer que os problemas escolares não se limitam aos muros da escola. É indispensável aprofundar o debate e a compreensão de como a sensação de insegurança afeta diretamente a aprendizagem e o desempenho.

As vozes e as perspectivas das crianças e adolescentes expressas aqui criam um senso de urgência para propor e implementar soluções que, de fato, trarão resultados para uma efetiva proteção à infância e adolescência no Brasil.

⁴ Relatório Avaliativo ECA 25 anos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente/Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, Brasília, 2016.

Recomendações

Percebe-se que são necessárias ações articuladas para fortalecer o Sistema de Garantia de Direito, com uma abordagem multidisciplinar e intersetorial que gere um ecossistema seguro para as crianças, sobretudo as mais vulneráveis, de modo que nenhuma seja deixada para trás.

O que é preciso para reduzir drasticamente a violência infantojuvenil, de acordo com a escuta nessa pesquisa:

- Políticas socioassistenciais para famílias, de modo que favoreçam o cuidado e o fortalecimento de vínculos para proteger e educar positivamente crianças e adolescentes, sobretudo os mais vulneráveis.
- Políticas de proteção à violência infantil no âmbito escolar para melhorar certos mecanismos de identificação, registro e acompanhamento em casos de violência.
- Políticas de formação continuada para operadores do sistema de proteção como profissionais da educação, assistência e justiça, famílias e organizações religiosas.
- Programas de promoção de cultura de paz e autoproteção junto às crianças e adolescentes nas escolas e comunidades.
- Campanhas de comunicação de enfrentamento aos maus-tratos e de promoção de cultura de paz.



Visão Mundial 

www.visaomundial.org
0800 70 70 374



@visaomundialbr



visaomundialbrasil



@visaomundialbr



visaomundial



visaomundialbrasil

BRASÍLIA

SDS – bloco H, número 26
Ed. Venâncio II, sala 115
CEP 70393-900
(61) 3963-5602

PERNAMBUCO

Rua do Fogo, 22, 4º andar
Santo Antônio – Recife/PE
CEP 50010-340
(81) 3081-5600

SÃO PAULO

Praça Princesa Isabel, 233, 9º andar
Campos Elíseos – São Paulo/SP
CEP 01206-010
(11) 3133-5600